

# A reforma que não virá

FOLHA DE SÃO PAULO

3. JUN 1980 **Brasília**

A decisão de ontem sobre o mandato não precipitará uma reforma ministerial como muitos pensam. O presidente José Sarney quer esperar as Convenções Nacionais do PMDB e do PFL, previstas para depois da promulgação da Constituição, para saber ao certo quem vai mandar nesses partidos daqui para frente. Se doutor Ulysses continuar à frente do PMDB (o que é considerado no governo o mais provável), o ministro da Previdência, Renato Archer, e seu colega da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique, só saem do ministério se quiserem.

Políticos sarneyzistas apoiados pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, vêm insistindo com o presidente sobre a necessidade de pelo menos dois dos mais destacados líderes governistas no Congresso serem incorporados ao ministério. Essas vozes falam, especificamente, nos nomes dos deputados Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), Ricardo Fiúza (PFL-PE) e Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), e citam dois postos possíveis: de ministro da Previdência e de ministro da Indústria e Comércio.

José Sarney não vai demitir o mineiro José Hugo Castelo Branco da Indústria e Comércio. José Hugo está doente, e o presidente não vê condições "morais" de substituí-lo. Uma outra hipótese que circula entre pessoas que privam

da intimidade do presidente é do ministro da Saúde Borges da Silveira ser deslocado para uma outra posição no governo, abrindo, assim, uma vaga no ministério. Mas isso parece ser, também, pouco provável. Uma outra informação relevante sobre o assunto é a de que Sarney vem sendo aconselhado a começar o "enxugamento" da máquina administrativa federal, fundindo o ministério da Cultura no ministério da Educação. O ministro da Educação Hugo Napoleão aceita a devolução.

O presidente da República não é homem de rompantes. O mais provável é que ele inicie o processo de "deuração" de seu governo pelo segundo escalão. O Planalto já tem devidamente mapeadas as esferas de influência dos peemedebistas e pefelistas que preferiram a oposição. Sarney é tido como um político "que dá o bote sem mostrar as garras" — como definiu, outro dia, a mulher de um senador sarneyzista—, e é assim que ele deve detonar a sua revanche, mandando demitir no segundo escalão. Os constituintes "fritaram" o presidente por mais tempo que ele poderia suportar. Sarney agora vai à forra — e às muitas viagens ao estrangeiro que o esperam. **Roberto Lopes**